

AS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE OS GRUPOS INDÍGENAS DO PANTANAL E DA CHIQUITANIA NO PERÍODO COLONIAL

Las Relaciones Entre Los Pueblos Indígenas Del Pantanal Y La Chiquitania En El Período Colonial

Ariane Aparecida Carvalho de ARRUDA*
José Luís dos Santos PEIXOTO**

Resumo: O enfoque desse estudo está em apresentar um panorama geral das relações interétnicas entre os indígenas que ocupavam o espaço de fronteira entre o Pantanal e a Chiquitania em tempos coloniais, utilizando estudos arqueológicos e fontes históricas produzidas pelos viajantes europeus, pelos jesuítas das missões religiosas e pelas autoridades administrativas da região, além do auxílio teórico e metodológico de pensadores relacionados à temática de pesquisa. Através da análise das fontes percebemos que a linha de fronteira estabelecida pelos Impérios Ibéricos não impossibilitou relações de alianças e conflitos bélicos entre os distintos personagens, ao contrário, intensificaram.

Palavras-chave: Relações interétnicas, Pantanal, Chiquitania, Grupos étnicos, Período colonial.

Resúmen: El objetivo de este estudio es presentar una visión general de las relaciones interétnicas entre los indios que ocupaban la zona fronteriza entre el Pantanal y la Chiquitania en tiempos coloniales, con el uso de estudios arqueológicos y las fuentes históricas producidas por los viajeros europeos, los jesuitas de misiones religiosas y las autoridades administrativas de la región, más allá de la asistencia teórica y metodológica de pensadores relacionados con el tema de la

Introdução

A partir da expansão colonial até o momento contemporâneo, as sociedades indígenas foram, em grande parte, projetadas do lado da natureza, por meio de uma cultura que não era capaz de “acolher a alteridade”. “Bons selvagens e bárbaros” são algumas das figuras que lhes foram impostas pela sociedade europeia durante a conquista desse “Novo Mundo”, paraíso dominado por “selvagens”, seres que, na visão europeia, estavam desprovidos de fé, de lei e de rei.

Quando os colonizadores, Alejo García, Alvar Núñez Cabeza de Vaca, Ulrich Schmídel, Nuflo de Chávez, Hernando de Salazar e Domingo Martínez de Irala, chegaram ao espaço de fronteira entre o Pantanal

* Doutora em História Ibero-Americana pela PUCRS. Pesquisadora e Colaboradora do Laboratório de Arqueologia do Pantanal/UFMS/CPAN. nani_arruda2@yahoo.com.br

** Doutor em História, concentração em Arqueologia. UFMS/CPAN/Laboratório de Arqueologia do Pantanal. jose.peixoto@ufms.br

búsqueda. Mediante el análisis de las fuentes vemos que la línea fronteriza establecida por los Imperios Ibéricos no excluye las relaciones de alianzas y los conflictos entre los diferentes pueblos, al contrario las intensificaran.

Palabras claves: Relaciones interétnicas, Pantanal, Chiquitania, Pueblos indígenas, Período colonial.



e a Chiquitania depararam-se com povos que possuíam culturas, línguas, organização social, práticas sexuais, alimentares e formas de concepção de mundo, diferentes do referencial cristão e europeu. Nesse caso, notamos, nos textos produzidos por esses personagens coloniais, uma *alteridade*, que visava tornar possíveis discursos capazes de apreender o que havia de familiar no 'outro', espantando aquilo que havia de ameaçador (MONTEIRO, 2001).

Durante séculos, observamos que a própria palavra *índio* remete a outros sinônimos carregados de carga depreciativa, como 'bárbaro' e 'selvagem'. Atualmente, alguns grupos preferem ser denominados apenas como *indígenas*. Como afirmou Grupioni (1994, p. 18), a categoria *índio* carrega, desde o século XVI, com os conquistadores europeus, até os dias atuais, uma conotação política, que passou a ser incorporada pelos grupos indígenas no processo de construção de uma identidade coletiva frente ao restante da sociedade. Assim, é estabelecido um contínuo de semelhanças estruturais entre as diferentes sociedades indígenas e um marco em relação aos ditos 'civilizados'.

Concordando com Marshall Sahlins (1990, p. 63-65), a História é muito mais do que as realizações dos "grandes homens". Ela também é a vida das comunidades. Assim, a "verdade" na história era tida como tudo que vinha do país do homem

branco (europeu), sua religião e sua cultura como a única verdade, sendo reproduzida nos documentos históricos produzidos pela sociedade europeia entre os séculos XVI e XIX. Logo, em contraposição ao entendimento dos historiadores tradicionais do século XIX, que definia o passado como um dado rígido, inalterável e imodificável, este estudo enquadra-se na concepção de Marc Bloch (2001 [1944]) de que os “documentos são vestígios”. Sendo assim, mesmo o mais claro dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. A pergunta que fazemos é que condiciona a análise, elevando ou diminuindo a importância de um texto isolado. Assim, segundo Chartier (2002, p. 21-22), os *documentos históricos*, usados como vestígios de um passado remoto, não são mais considerados somente pelas informações que fornecem, mas são também estudados em si mesmos, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas.

Neste texto, discutiremos questões relacionadas aos problemas encontrados nas fontes históricas, tais como: no período colonial, a fronteira atual entre Brasil/Bolívia existia também entre os distintos grupos indígenas? Os grupos indígenas do Pantanal e da Chiquitania mantinham relações interétnicas, fossem elas conflituosas e/ou amistosas? Se esses indígenas mantinham relações, com o estabelecimento da sociedade colonial, elas foram eliminadas, reforçadas ou transformadas? Havia deslocamento de grupos indígenas entre ecossistemas diferentes (Chaco, Cerrado, Pantanal) realizando trocas comerciais, casamentos, conflitos e alianças? Para pensarmos em respostas para essas indagações faz-se necessário entendermos o contexto histórico antes e depois da chegada dos colonizadores no espaço de fronteira entre o Pantanal/Brasil e a Chiquitania/Bolívia, bem como apresentar um panorama dos grupos indígenas envolvidos nessas relações de alianças e de conflitos.

Para tanto, neste estudo, foi necessário extrair informações da documentação produzida pelos colonizadores (diários, relatos ou crônicas dos viajantes europeus), pelos jesuítas das missões religiosas e pelas autoridades administrativas. Como proposta metodológica, primeiramente, foi feito fichamento das fontes primárias, assim como das fontes secundárias; posteriormente, os dados fichados foram sistematizados por temáticas abordadas e por períodos cronológicos. Várias obras foram usadas na discussão teórica, possibilitando refletir sobre o processo de povoamento do Pantanal e da Chiquitania e sobre os condicionantes étnicos no período anterior e posterior à chegada dos colonizadores europeus, como também averiguar como ocorreu o processo missional na região Chiquitana/Bolívia. Logo, percebemos o esforço empreendido pelos europeus e pelos indígenas para se adaptarem a um novo cenário, vida e costumes (ARRUDA, 2011).

As relações interétnicas entre os grupos étnicos compreende o espaço de fronteira entre o Pantanal e a Chiquitania (Figura 1). A região do Pantanal está situada entre os paralelos 16° e 22° de latitude Sul e os meridianos de 55° e 58° de longitude Oeste, sendo considerada uma das maiores planícies de inundação do mundo, com rios, lagoas, canais fluviais e inúmeros habitats ocupados por uma diversidade de fauna e flora, com variedades aquáticas e terrestres. Na borda oeste do Pantanal, há um conjunto de lagoas ligadas ao rio Paraguai através de canais fluviais, denominadas de Região das Grandes Lagoas do Pantanal. Nessa região, estão inseridas as lagoas do Jacadigo, Negra, Cáceres, Castelo, Vermelha, Mandioré, Gaíba, Uberaba, Piranhas e Orion (PEIXOTO, 2003, p. 43). E, a Chiquitania está localizada no atual Oriente boliviano, que estende seus limites desde o Chaco, ao sul, até 15° de latitude sul, ao norte; a região das Grandes Lagoas do Pantanal (Brasil), a leste, até o rio Grande ou Guapay, abarcando a área das atuais províncias de Chiquitos, Ángel Sandoval, Velasco, Nuflo de Chávez e Germán Bush ao departamento de Santa Cruz de la Sierra/Bolívia (NAVARRO E MALDONADO, 2006, p. 159).

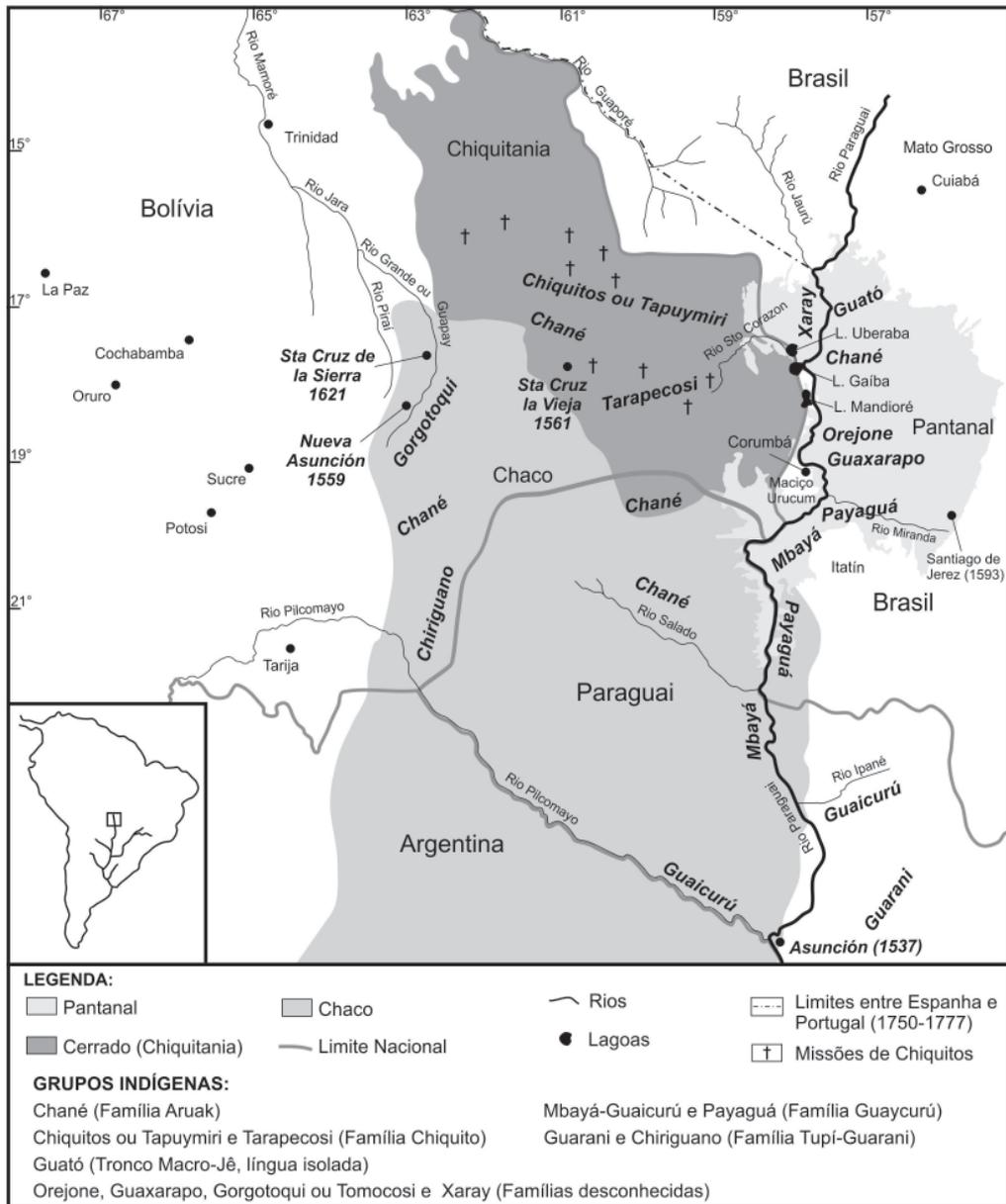


Figura 1 – Área de ocupação dos grupos indígenas, Chané, Chiquito, Gorgotoqui, Guaraní, Chiriguano, Guató, Orejone, Guaxarapo, Payaguá, Mbayá-Guaicurú e Xaray, no período colonial.

Fonte: Arruda (2011, p. 33; 2015, p. 37) com modificações.

As relações pré-históricas entre os grupos indígenas

Em tempos pré-coloniais, a região Chiquitana e o Pantanal estavam habitados por diferentes grupos indígenas. Para Charupá (2002, p. 209), antes da

expansão colonial, havia, na Chiquitania, mais de cinquenta povos indígenas com línguas e culturas distintas. No Pantanal, os grupos pré-coloniais eram compostos por sociedades pescadoras-coletoras-caçadoras distribuídas na planície de inundação entre rios, lagoas e canais fluviais, que, para sua subsistência, tinham abundância de flora e de fauna (SCHMITZ et al., 1998). Também nas encostas do planalto residual do Maciço do Urucum foi identificada a ocupação de grupos de Tradição Ceramista Tupiguarani, cuja denominação é reconhecida pela arqueologia brasileira como grupos indígenas pertencente à família linguística Tupi-guarani (PEIXOTO, 1998).

De acordo com Peixoto (2003, p. 246-247), a ocupação indígena na planície de inundação, sobretudo na região das grandes lagoas do Pantanal, inicia, a partir de 5.500 anos A. P., com a ocupação de grupos pré-ceramistas e, posteriormente, de grupos ceramistas, por volta de 2.820 anos A.P. A partir desse período, há um maior número de assentamentos e, conseqüentemente, um aumento da densidade demográfica, assim como no momento da chegada dos conquistadores.

Durante a expansão colonial, a região das Grandes Lagoas do Pantanal, sobretudo na planície pantaneira, estava ocupada pelos grupos indígenas Guaxarapó (ou Guachis, Guachicos), Guató, Payaguá, Orejone, Mbayá-Guaicurú, Xaraye¹, entre outros (Figura 1). As relações entre esses indígenas são, frequentemente, mencionadas nos relatos dos conquistadores europeus como instáveis, ou seja, em determinadas circunstâncias prevaleciam relações amistosas, em outras, conflituosas. Cabeza de Vaca (1984 [1555], p. 241) relata que, entre os Mbayá-Guaicurú e os Payaguá, bem como entre os Guaxarapó e os Orejone, elas ocorriam de acordo com seus interesses imediatos, pois percorriam o rio Paraguai praticando guerras.

As disputas entre os distintos grupos pelos seus interesses imediatos distinguem-se das relações empreendidas entre indígenas e europeus no momento do contato, pois, entre os indígenas, não era a categoria 'índio' que estava em pauta, mas as dos Mbayá-Guaicurú/Payaguá, as dos Guaxarapo/Orejone, assim como as dos Guarani/Kaingang. Nelas, as relações são articuladas pelo sistema interétnico de uma convivência condicionada num mesmo espaço, resultante de intercâmbios e de sínteses culturais, sociais, religiosas, econômicas e políticas. Oliveira diz claramente que

as relações inter-tribais, quando perdem sua simetria e passam a se caracterizar por uma assimetria determinada por diferenças de status tribal, se resolvem pela adoção de sistemas hierárquicos onde as oposições tendem a ser resolvidas por mecanismos simbióticos, não pelo conflito comum aos sistemas interétnicos, marcados por relações de fricção. Por isso, as identidades tribais, ainda que não se articulem em códigos altamente complexos como os que se manifestam nos sistemas totêmicos que mencionamos, nada têm de 'paradoxais' [...] (1980, p. 255-256).

Além disso, na região do Pantanal, os grupos indígenas dispunham dos recursos proporcionados pelos rios, campos alagados e terrenos florestados, pois havia extensas áreas de arroz nativo e lugares propícios para a coleta de frutos, abundância da fauna aquática (peixes, répteis e moluscos) e caça de mamíferos e aves. A região das Grandes Lagoas do Pantanal apresenta imensas áreas com arroz nativo ou selvagem (*Oryza latifolia*), que são amplamente utilizados e podem estar associado às migrações fluviais, aos conflitos interétnicos e às trocas culturais empreendidas pelos grupos indígenas que ocupavam o Pantanal e a Chiquitania (ARRUDA, 2011, p. 49). Também dispunham do cultivo de milho e de batata, realizado, especialmente, por “los Pueblos de los Guarayus o Guaranis, Guatos, Guacamas, y Nambiquas” (ARCE, 1713, p. 07). Posteriormente, em 1703, esses indígenas foram os informantes dos missionários jesuítas sobre as povoações do rio Paraguai acima e das *tierras adentro*, como os Curubina, Coci e Chiquito.

O arroz nativo está presente nos relatos dos conquistadores e dos jesuítas das missões religiosas. Em uma relação feita pelo padre Bartholome Ximenez e seus companheiros de expedição pelo rio Paraguai até as missões de Chiquitos, o missionário menciona que, a partir da cidade de Santiago de Xerez (1593), localizada próxima ao rio Aquidauana, até a região norte do rio Paraguai (ver Figura 1), havia extensas áreas de arroz que era coletado para consumo pelos diferentes grupos indígenas da região (ARCE, 1713, p. 05).

É provável que, além desses indígenas, os grupos que habitavam as *tierras adentro*, como os Chané e os Chiquito, deslocavam-se em migrações ao norte em direção à região das Grandes Lagoas do Pantanal para realizar trocas, especialmente pelo arroz nativo (*Oryza latifolia*) que florescia nessa região, possivelmente desde antes da chegada dos europeus. Segundo Magalhães (1999, p. 87), uma das principais subsistências dos Payaguá, assim como de outros grupos indígenas que habitavam a planície pantaneira, era o arroz. A coleta do arroz estava associada às migrações fluviais dos Payaguá, ao longo do Alto-Paraguai, na época da vazante.

O missionário jesuíta Sánchez Labrador (1910 [1770], p. 185) relata que a busca desse produto nos campos inundados e nos brejos gerava conflitos com outros grupos, como os Guató, os Guaxarapó, os Payaguá e os Mbayá-Guaicurú, bem como um tipo de comércio entre os Mbayá e os Payaguá:

Á las orillas del río Paraguay, y en los anegadizos que dejan sus crecientes, nacen de suyo extendidísimos arrozales. El grano de este arroz silvestre al cual llaman los Guaycurús Nacacodi, no es tan abultado y blanco como el de España y también rinde mucho menos. Sin embargo es verdadero arroz y sabroso al gusto. Los infieles Payaguas y los Guachicos, que también son indios que usan canoas, disfrutaban en más abundancia este apreciable grano. Entran en la sementera ó plantío con sus canoas, sobre las cuales sacuden las espigas, recogen en pocas horas lo que quieren y se retiran temerosos de ser

sorprendidos de sus rivales los Guachicos. Los Mbayás de hacia el Norte hacen alguna providencia, pero corta, ya yendo á los arrozales, ya comprándole á los Payaguas (LABRADOR, 1910 [1770], p. 185).

É possível sugerir a hipótese de que, além do arroz nativo, os grupos indígenas que habitavam o Pantanal e a Chiquitania realizassem trocas por objetos de metais, arcos e flechas, algodão e cativos, pois, durante o contato interétnico (em 1543) entre Francisco de Ribera e outros espanhóis com os indígenas *Tarapecocie* ou Chiquito, o conquistador relata que havia indígenas *Orejone*, que viviam próximo às lagoas Gaíba e Mandioré, como cativos dos *Tarapecocie* (RIBERA, 1962 [1555], p. 72).

Assim, os objetos de metal, encontrados entre os indígenas, eram vistos pelos conquistadores como indicadores de possibilidade de encontrar riquezas minerais nessa região. Segundo Susnik (1978, p. 21), os grupos *Orejone*, *Xaraye*, *Ortuese* e *Chané* realizavam uma espécie de sistema comercial de trocas com as povoações da Chiquitania e da região andina. Para a autora, essas relações são procedimentos realizados pelos grupos antes da chegada dos espanhóis na região:

Los Xarayes y los mismos Urtueses poseían algunas ‘planchas de metal’; los Ceritococis-Chanés eran los truequistas-viajantes desde la periferia de los Tamacocis hasta el Alto Paraguay, de donde algunos adornos metálicos vistos entre los Orejones y los Xarayes. [...], los Chiquitos mantenían activas relaciones de trueque con los Payzunos y los Chanés, vecinos suroestinos, especialmente por adornos de metal, que lo dan a los suyos trueco de arcos y flechas y esclavos que toman de otras generaciones [...] (SUSNIK, 1978, p. 31 e 39).

A busca por indígenas cativos e mulheres (para casamento) de outros grupos também gerava conflitos entre indígenas que habitavam a planície pantaneira com os das *tierras adentro*, a oeste do rio Paraguai. Os Guaxarapó entram pelo rio Paraguai atrás de seus aliados Albaya e, posteriormente, se internam nas *tierras adentro* para praticar guerra contra os Ninaquiquila (indígenas que habitavam regiões entre o Chaco e a Chiquitania) e outros grupos Chiquito, principalmente, como afirma Azara, “aun suelen los de la una nacion casarse con las mujeres de la otra” (1943 [1847], p. 129). Os grupos Albaya são também denominados pelos conquistadores europeus de *Naperus* ou *Mbayá*. Esses indígenas viviam na região ocidental do rio Paraguai, entre os paralelos de 20° e 22° de latitude e foram aliados dos Payaguá em vários conflitos, como por exemplo na emboscada contra o conquistador Juan de Ayolas e outros espanhóis, em 1536.

Afirma Susnik (1978, p. 44) que os Gorgotoqui da Chiquitania mantinham relações amistosas com seus vizinhos Chané, Payzuno e Simeneo. Este último grupo residia próximo ao *Carcaraes de metal*, e a troca por metais constituía um grande atrativo e comércio entre esses indígenas antes da chegada dos europeus por “arcos y flecha y mantas y otras cosas y por mujeres que les dan por ellos” (1978, p. 44).

Contudo, não há evidências, nos documentos históricos, que comprovem as assertivas de Susnik (1978, p. 31-44) de que os Chané foram os “truequistas-viajantes” e de que os Gorgotoqui realizavam um tipo de comércio, por objetos de metal, com outros grupos da Chiquitania e da região andina antes da chegada dos europeus. No entanto, é possível concordar com a autora que os conquistadores encontravam objetos de metal ou informações sobre onde conseguir com alguns grupos indígenas do Pantanal e da Chiquitania (como os Guaraní, os Chané, os Orejone, os Xaraye e os Chiquito), pois há referências sobre esses fatos, especialmente nos relatos de Alvar Núñez Cabeza de Vaca (1984 [1555]), Ulrich Schmidel (1903 [1567]), Ruy Diaz de Guzman (1980 [1612]) e Felix de Azara (1943 [1847]).

Para Azara (1943 [1847], p. 138), é possível que, desde os tempos pré-coloniais, os Guasarapó e os Albaya efetuavam ofensivas contra as povoações das *tierras adentro*, conflitos que se acentuaram ainda mais a partir da presença hispânica e lusa na região e da instalação das missões jesuíticas na Chiquitania, pois esses indígenas, “dirigieron la guerra contra los Orejones, Nalicuegas, y Guaranís silvestres, y contra los pueblos de la provincia de Chiquitos, en la que han precisado á transmigrar al de Santo Corazon [...]” (AZARA, 1943 [1847], p. 138).

Os grupos indígenas da Chiquitania e do Pantanal e suas relações

Os Guaraní

A numerosa população que ocupava a região do rio Amazonas, norte da Argentina, oriente boliviano e a Bacia do Prata no século XVI ficou conhecida como pertencente a família linguística Tupi-guarani, que reúne diversas línguas, dentre elas o Guaraní, que se estendem ao sul do Brasil e, principalmente, ao longo dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai (FAUSTO, 2005, p. 387; RODRIGUES, 1986, p. 32-39).

Conforme Azara (1943 [1847], p. 121), quando a América foi conquistada, os Guaraní ocupavam uma extensa área desde o rio da Prata até a cidade de Buenos Aires, habitando as margens do rio Paraná e do rio Paraguai, até 21° de latitude. Ocupavam também áreas nas atuais regiões da Chiquitania e do Peru, pois “tenian tambien pueblos interpolados con las otras naciones en la provincia de los Chiquitos, y los Chiriguanás del Perú eran tambien Guaranís” (1943 [1847], p. 121).

Na Bolívia, há cinco grupos étnicos Guaraní, a saber: 1) Yuki, residentes no Departamento de Cochabamba; 2) Sirionó, que habitavam a província de Guarayos, em Santa Cruz, e o Departamento de Beni; 3) Guarayos, habitantes da província de

Guarayos ; 4) Tapiete, que viviam na província do Gran Chaco, no Departamento de Tarija; e 5) Chiriguanos, atualmente conhecidos como “Guarani”, que habitavam toda a região oeste do Chaco (COMBÈS, 2005, p. 19).

Desde o período pré-colonial, há relatos que mostram possíveis miscigenações entre grupos indígenas, sobretudo, pela relação de submissão de um grupo perante o outro. Assim, conforme Combès, a história dos índios Chiriguano (Figura 1) ocorreu com “las migraciones históricas de los guaraní y su posterior mestizaje en el Chaco y el pie de monte andino, con grupos autóctonos de origen arawak – los chané (...)” (2005, p. 68). Essa mestiçagem entre os grupos Guarani e os Chané ficou conhecida, a partir do século XVI, como Chiriguanaes ou Chiriguano, tornando-se tema de estudos clássicos realizados por antropólogos e historiadores, entre eles, Nordenskiöld, Métraux e Susnik (SAIGNES, 2007). Posteriormente, a partir da instalação das encomiendas na Chiquitania, o contato e a convivência entre os indígenas foi acentuada, pois os senhores encomenderos dividiram os indígenas da região num mesmo território, o que motivou, possivelmente, miscigenações entre distintos grupos indígenas, como os Chiquito, os Gorgotoqui, os Chané e os Guarani.

Segundo Combès (2005, p. 68), no século XVI, as etnias Chiriguanaes estavam divididas em dois grupos: o dos Chiriguanaes Itatines, que viviam ao leste da primeira cidade de Santa Cruz (atual San José de Chiquitos), sendo os ascendentes dos atuais Guarayos, e que foram inseridos nas missões jesuíticas na Chiquitania; e o dos Chiriguanaes “de la Cordillera”, ao sul de San Lorenzo, ou seja, ao sul da atual Santa Cruz de la Sierra.

Os primeiros contatos com os Guarani surgiram quando o português Alejo García empreendeu uma expedição (1524-1525) até as cordilheiras dos Andes atrás das fabulosas riquezas minerais. Os Guarani acompanharam o conquistador García, pois encontraram na expedição uma perspectiva para ampliar sua área de influência. Durante o retorno, nas margens do rio Paraguai, os indígenas mataram Alejo García e abriram outro caminho para conceber um movimento migratório diferente e também a conquista de novas terras.

Já em 1542, quando o conquistador Alvar Núñez Cabeza de Vaca chegou à cidade de Assunção, um dos primeiros grupos com que manteve contato e aliança foi os Guarani, possivelmente, porque viviam próximo da cidade de Assunção; alguns indígenas viviam como “cativos” de outros grupos, como os Payaguá, o que poderia facilitar o uso dessa mão-de-obra; e eram, na visão dos europeus, indígenas que mantinham costumes de guerrear e praticar vingança (CABEZA DE VACA, 1984 [1555], p. 162).

Os costumes dos Cario – ou Guarani – despertaram grande curiosidade e até mesmo admiração entre os conquistadores europeus. Schmídel (1903 [1567], p. 171-172) relata sobre os costumes desses indígenas dizendo, principalmente, que os Guarani ocupavam uma extensa área nas margens dos rios Paraná e Paraguai, e que aceitavam com facilidade prestar serviços como cativos a outros grupos da região.

Essa relação de “cativos” de outros grupos indígenas que os Guarani vivenciavam, era um fator preponderante na aproximação dos conquistadores, pois os espanhóis necessitavam de mão de obra para a instalação de portos, povoados e de cidades. Além de todas essas características, Schmídel diz que “esta gente es la más caminadora de cuantas naciones hay en el Río de la Plata; son grandes guerreros por tierra” (1903 [1567], p. 172), tornando o interesse dos conquistadores maior, afinal, em suas expedições pelas *tierras adentro*, era necessária a utilização de guias para mostrar os *peabirus* ou os caminhos indígenas.

Assim, a aliança com os Guarani tornou-se inevitável durante a expansão colonial, pois a região era habitada por grupos indígenas que falavam línguas distintas, e os Guarani poderiam servir como intérpretes para os conquistadores europeus. Como afirma Schmídel, “(...) y nos dieron dos Caríos cautivos que eran de ellos: éstos deberían servirnos de baqueanos y ayudarnos com la lengua” (1903 [1567], p. 164).

Em 1703, os missionários jesuítas das missões Guarani e de Chiquito iniciaram suas expedições pelo rio Paraguai, com o objetivo, sobretudo, de conectar essas missões e reconhecer os distintos grupos indígenas que habitavam as margens desse rio. Nos relatos das expedições, os Guarani aparecem como informantes dos jesuítas sobre os grupos indígenas que habitavam a região do rio Paraguai e das *tierras adentro* e como *baqueanos* (guias) nas expedições, o que ocasionou a aproximação dos jesuítas com os indígenas do Pantanal, assim como o conflito aberto com outros indígenas que não aceitavam a presença dos Guarani em seus territórios, como os Mbayá-Guaicurú e os Payaguá (ARCE, 1713, p. 8).

Logo, é possível concordar com Susnik quando afirma que foram os Guarani “quienes con su paso de tránsito, sus desplazamientos irregulares en la tierra del gentío desconocido y con definitivos asientos conquistados, provocaron el movimiento de muchas tribus, éstas también buscando nuevos lugares libres, y no poseídos o disputados” (1978, p. 34). Além disso, facilitaram a entrada dos conquistadores europeus na Chiquitania, pois os Guarani serviam aos europeus como *lenguas* (intérpretes) e como *baqueanos* (guias).

Nos censos de 2003 e 2006, havia, na Bolívia, aproximadamente 62.575 habitantes falantes da língua Guaraní (VILLARROEL, 2007, p. 62).

Os Chané

A relação dos conquistadores europeus com as então denominadas *tierras míticas* permaneceu no imaginário até meados do século XVII, levando as excursões coloniais que subiam o rio da Prata se voltaram para o Oeste, ou seja, para a região Chiquitana e, por conseguinte, para os grupos indígenas que possuíam as informações sobre como chegar às *tierras adentro* e aos grupos indígenas que habitavam a região. Entre os grupos indígenas estavam os Chané, ou Chanese, que acompanharam a expedição do conquistador Juan de Ayolas pelas *tierras adentro* (Figura 1). Segundo Julien (2006, p. 51), os Chané mantinham o costume de entrar a Oeste, na Chiquitania, para conseguir objetos de metais e cativos.

Desde a expansão colonial, os Chané são mencionados nos relatos dos conquistadores como indígenas que viviam na região das Grandes Lagoas do Pantanal, ao norte da atual cidade de Corumbá/MS (Brasil). Nesses relatos, são apontados como indígenas conhecedores das *tierras adentro*, por, possivelmente, possuírem assentamentos fixos, serem originários dessa região ou ainda por deslocarem entre um ambiente e o outro. Assim, durante as expedições pelo rio Paraguai, os conquistadores europeus obtinham informações de que poderiam encontrar objetos de metais entre os indígenas Chané e outros da Chiquitania. No ano de 1543, o Governador do rio da Prata Alvar Núñez Cabeza de Vaca subiu o rio Paraguai até a lagoa Gaíba (Figura 1). Ao redor da lagoa Gaíba, Cabeza de Vaca encontrou-se com os indígenas Cacociés Chanese, que afirmavam conhecer notícias das *tierras adentro* e das riquezas minerais. Logo, se ofereceram como guias durante a entrada (CABEZA DE VACA, 1984 [1555], p. 219).

Os Chané mantinham relações de submissão a outros grupos indígenas da região do Pantanal e do Chaco, como os Mbayá-Guaicurú e os Chiriguano da Bolívia. Schuch (1995, p. 39-40) questiona a abrangência da área ocupada por esse grupo e se os movimentos migratórios estavam associados a essa relação de submissão a outros indígenas. De acordo com Susnik (1971, p. 140), durante a expansão colonial havia três núcleos Chané-Guaná no Chaco: o primeiro estaria localizado mais ao sul da região Chiquitana; o segundo, na margem sul dos llanos de Guapay, e o terceiro – cujos componentes encontravam-se dispersados entre os Chiriguano – estaria na Cordilheira dos Andes (Figura 1).

É possível que os Chané, que estavam localizados ao sul da Chiquitania, na fronteira com a região chaquenha do Paraguai, foram, posteriormente, inseridos nas encomiendas do conquistador Nuflo de Cháves.

O conquistador Nuflo de Cháves nasceu, provavelmente, em 1518 na cidade de Extremadura na Espanha. Participou de várias expedições, entre elas, a empreendida por Alvar Núñez Cabeza de Vaca pelo rio da Prata. Em 20 de outubro de 1543, partiu com o capitão Domingo Martínez de Irala para conquistar a região norte do rio Paraguai chegando até as lagoas Gaíba e Mandioré. Em 1545, escoltou a caravela de Melchor Montero, que levava uns presos, como o capitão Juan de Salazar de Espinosa, até alcançar o navio que levava o *Adelantado* Cabeza de Vaca de volta à Espanha. Em 1547, Cháves saiu para conquistar o rio Pilcomayo, no Paraguai.

Por meio de uma nova expedição empreendida por Irala em novembro de 1547, entra no puerto de San Fernando até os indígenas Tomacocis, que estavam em território de Charcas (Sucre/Bolívia). Dessa forma, o capitão Irala envia Cháves com umas cartas para serem entregues ao Vice-rei de Lima. Cháves regressa a Assunção em 1549 com 49 homens, a maioria deles conquistadores do Peru. Depois que Irala faleceu, Cháves e Hernando de Salazar preparam uma nova expedição, em 1558, pelo rio Paraguai, visando a conquistar os Xaraye e outros indígenas da região. Entretanto, Cháves opta por fazer sua entrada e conquista da Chiquitania (MACHAIN, 1943 [1936], p. 167-170).

Dessa forma, Cháves recebeu a incumbência de conquistar a região dos Xaraye (ou Xaray), no rio Paraguai, e consolidar um caminho de Assunção à cidade de Lima, no Peru. Entre os Xaraye e outros indígenas da região, Cháves funda o puerto de los Perabazanes. Entretanto, desacata a ordem imposta por Irala para conquistar e dividir os Xaraye em encomiendas e entra na Chiquitania acompanhado por outros espanhóis. Nessa região, nas margens do rio Grande, ou Guapay, funda a cidade de Santa Cruz de la Sierra, em 1559, com o objetivo de constituir uma província independente e, finalmente, conquistar territórios e riquezas minerais. A partir de 1559, indígenas da Chiquitania, como os Chané e os Gorgotoqui, seriam repartidos em encomiendas espanholas e entregues aos primeiros colonos da cidade de Santa Cruz de la Sierra, atualmente conhecida como Santa Cruz la Vieja. Posteriormente, em 1691, esses indígenas seriam entregues aos primeiros missionários Jesuítas que fundaram as missões jesuíticas da Chiquitania.

Os Chiquito

Na Chiquitania, a expedição de Nuflo de Cháves encontrou-se com o grupo indígena chamado “tapuymire, gente mucha y belicosa y señores de yerba” (CHÁVEZ E SALAZAR, 2008 [1560], p. 53-54). Conforme Freyer (2000, p. 19), o conquistador Francisco de Ribera, que participava da expedição de Alvar Núñez Cabeza de Vaca, encontrou com os indígenas Tarapococi na Chiquitania por volta de 1543. Ribera (1962 [1555], p. 305-311) relata que esses indígenas possuíam objetos de ouro e prata que, provavelmente, conseguiam por meio de trocas com as povoações andinas.

A definição dos indígenas da região Chiquitana como “Chiquito” surgiu durante o contato com os espanhóis que significa chicos, pessoas de estatura baixa. Freyer (2000, p. 27) menciona que esse nome pode ser derivado de um termo Guarani, tapuy-miri, que quer dizer ‘pequenos inimigos’ e pode ser traduzido como chiquito; ou surgiu com os conquistadores espanhóis, “porque las entradas de sus chozas eran tan pequeñas y bajas que solo se podia llegar al interior de cuatro patas” (2000, p. 27). Logo, a denominação Chiquito é fruto dos primeiros contatos com a sociedade europeia, e esses indígenas passaram a ser reconhecidos e identificados por meio desses nomes nas fontes posteriores, especialmente, nos documentos produzidos pelos missionários jesuítas.

Na historiografia, bem como nos relatos dos conquistadores e dos jesuítas das missões, os Chiquito constituíam um dos grupos indígenas mais numerosos e importantes da região, porque dispunham de uma agricultura desenvolvida, superioridade militar e tinham como estratégica (contra seus inimigos) o uso de planta venenosa. Depois da instalação das missões religiosas e incorporação da língua Chiquita por todos os indígenas das missões, as etnias Chiquitas passaram a ser chamadas de Chiquitanos. Envolvidos pela fé na Igreja Católica, desde os ensinamentos dos jesuítas, os Chiquitanos têm na religiosidade (que está relacionada aos fenômenos celestes e às forças da natureza) e nos rituais de fé sua representação simbólica (COSTA, 2006; KREKELER, 1993).

De acordo com os relatos dos jesuítas que estiveram entre os indígenas, os Chiquito era formado por diversos grupos indígenas, entre eles os Piñoca, os Quiquica, os Penoqui, os Tau, os Guarayo, os Xaraye (Sarabe) e os Boro. E existiam outros grupos que não estavam inseridos nas reduções por falta de missionários, tais como Petas, Suberecas (Subercias), Piococas, Tocucicas, Purasis, Aruporés (Aruporcas), Quibasicas, Borillos (Borilos), Baures e Tapacuras (CHARUPÁ, 2002, p. 239-240).

Os Chiquito que estavam estabelecidos nas missões jesuíticas da Chiquitania, no final do século XVII compõem a família linguística Chiquito, que pode ser agrupada em quatro dialetos. Os dialetos são Tao, Piñoco, Manasí e Penoquí. O dialeto Tao foi adotado pelas missões de San Rafael, Santa Ana, San Juan, San Ignacio, San Miguel, Concepción, Santo Corazón e Santiago. O dialeto Manasí foi, inicialmente, usado na Missão de Concepción, sendo depois substituído pelo dialeto Tao. O dialeto Piñoco era falado nas missões de San Javier e San José. E o dialeto Penoquí era falado nas missões de San Javier, San Rafael e San José de Chiquitos (CHARUPÁ, 2002, p. 243-250; COSTA, 2006, p. 21).

Nos censos de 2003 e 2006, havia na Bolívia aproximadamente 4.615 habitantes falantes da língua Chiquita e 153.669 habitantes por identificação étnica (VILLARROEL, 2007, p. 85).

Os Gorgotoqui

Além dos grupos Chiquito, viviam na Chiquitana os indígenas Gorgotoqui, também denominados como Corocotoque, Borogotoqui ou Tomocosi (Figura 1). A partir da colonização espanhola, por intermédio dos conquistadores e dos jesuítas, os indígenas que habitavam a região Chiquitana foram identificados como pertencentes ao grupo indígena Chiquito. Como afirma Azara (1943 [1847]), é possível que os Gorgotoqui estejam inseridos nesse grupo indígena, principalmente, a partir do século XVII, com a instalação das missões jesuíticas (1691-1760), pois, desde a instalação do sistema de encomiendas na região, o conquistador Nuflo de Cháves dividiu esses indígenas, que foram “interpolándolas entre sí y con guaraní, formaron de ellas muchos pueblos que despues encargaron á los PP. Jesuitas” (1943 [1847], p. 160). Contudo, não há muitas informações a respeito desse grupo indígena; eles apenas são mencionados durante a conquista e instalação das encomiendas espanholas e da cidade de Santa Cruz de la Sierra.

Dessa forma, as informações produzidas sobre esses indígenas são da expedição do conquistador Nuflo de Cháves e seus companheiros na região. Os conquistadores encontraram-se com os Gorgotoqui por volta de 1557, e a relação, durante o contato, foi estabelecida por meio de conflitos (GONZALEZ, 1974 [1556], p. 613-614)

Em seu relato, Azara afirma que os espanhóis que fundaram o povoado de *Nueva Asunción*, em 1559, e, posteriormente, a cidade de Santa Cruz de la Sierra (1561), “las subyugaron á todas sin dificultad en poco tiempo [...]. Esta facilidad en someterse y conservarse lo mismo que la nacion guaraní en todas partes, persuade que eran todas de inferior estatura y pusilánimes (AZARA, 1943 [1847], p. 160).

Entretanto, Hernando de Salazar que estava na expedição de Nuflo de Cháves, escreveu uma relação em 1561 sobre os serviços prestados pelos espanhóis até a fundação dessa cidade, relatando que, entre os Gorgotoqui, “hubo muchos trabajos por ser los naturales muchos y su jente poca; paçífico de nuevo la tierra y enpadrono vn pedaço della, y la encomendo en nombre de Su Magestad a la jente de su compañía” (SALAZAR, 2008 [1561], p. 68).

Os Mbayá-Guaicurú e os Payaguá

Desde o início da conquista europeia, os Mbayá-Guaicurú e os Payaguá estavam presentes nos relatos históricos escritos pelos conquistadores europeus e, posteriormente, nos documentos produzidos pelos padres jesuítas das missões religiosas. No século XVI, os Mbayá-Guaicurú habitaram a região do Chaco, dividido em dois núcleos: o núcleo do Sul (Guaicurú), localizado próximo a Assunção; e o núcleo do Norte (Mbayá), residente na margem ocidental do Alto

Paraguai (Figura 1). A partir de meados do século XVII, esses grupos começaram a ocupar a margem oriental do rio Paraguai, no Pantanal e áreas periféricas (HERBERTS, 1998, p. 158).

Segundo Herberts (1998, p. 22-23), atualmente, a moderna linguística define que os Mbayá-Guaicurú pertencem à família linguística Guaikurú e compreende os grupos Payaguá, Toba, Pilagá, Abipon e Mokoví, que possuem semelhanças linguísticas entre si. Aliavam-se, frequentemente, com os Payaguá, pois evitavam conflitos com esses indígenas, de modo que pudessem atacar os campos cultivados dos Guarani em épocas de colheita.

Dentro dos informes das *encomiendas* na Chiquitania feitos por Nuflo de Cháves e seu escrivão Francisco Gallego, há referência aos grupos indígenas Mbayá-Guaicurú como índios encomendados pelos espanhóis. Entretanto, Julien (2006, p. 60) considera pouco provável que esses indígenas tenham sido visitados e repartidos durante o estabelecimento das *encomiendas*.

Já os Payaguá estavam divididos em dois grandes grupos: o grupo meridional, conhecido como o dos Agaces-Payaguá, que vivia entre o extremo sul do rio Paraguai; e o grupo setentrional, denominado Sarigué-Payaguá, que explorava o extremo norte no Alto Paraguai. Os grupos Payaguá não possuíam assentamentos fixos e dependiam da sazonalidade (períodos de cheias e vazantes) e da mobilidade fluvial (MAGALHÃES, 1999, p. 131-159). Entretanto, estudos realizados por Peixoto (2005) demonstram que os assentamentos dos grupos indígenas dentro da planície pantaneira estão sobre locais com elevação de 2 a 3 m, localizados em áreas de difícil acesso, sobretudo, ao longo de canais fluviais (denominados localmente por Corixo), com uma ocupação de longa duração, que possuem características de grupos sedentários.

Nos informes escritos pelos missionários, os Payaguá são caracterizados como uma “nación vagabunda, no estando jamas fixa muchos dias en um lugar; hoy estan en tierra firme, y mañana en una isla, ni pueden de outra suerte vivir, porque sustentanse con caza y pesca [...]” (ANÔNIMO, 1704, p. 14-15), pois, para os jesuítas, os grupos indígenas mais propícios a serem reduzidos são aqueles que vivem fixos em um mesmo território e praticam a agricultura, como os Guarani e os Chiquito. Contudo, os missionários tentavam constantemente se aproximar desses indígenas (como os Payaguá e os Mbayá-Guaicurú) e inseri-los numa missão religiosa.

A história dos Mbayá-Guaicurú e dos Payaguá está ligada à instalação das missões religiosas na Chiquitania, sobretudo, durante as inúmeras tentativas dos missionários jesuítas em interligar os conhecidos 30 *Pueblos Guaraníes* com as

missões de Chiquitos, com o propósito de estabelecer um caminho mais rápido e seguro através do rio Paraguai, pois, conforme o padre Fernández,

Desde los primeros años en que se dio principio á la Conversión de los Chiriguánys y Chiquitos, [...] se juzgó siempre llevar al fin pretendido, el abrir camino por aquel río y hacer escala á las Misiones del Paraguay ó Guaraníes, á fin de que fuesen más fácilmente proveídas estas Reducciones de los Chiquitos, [...]; pues cuando ahora es necesario caminar dos mil y quinientas leguas para visitarla toda, descubierto este camino por el río Paraguay, sólo se andarían mil y quinientas leguas en visitar Misiones y provincia (1896 [1726], p. 180-181).

Na expedição dos missionários jesuítas, em 1703, pelo rio Paraguai, os primeiros contatos com os Payaguá são constantemente relatados por meio de episódios que justificassem o objetivo dos missionários em atrair esses indígenas aos ensinamentos cristãos, o desejo em unir esses indígenas com os Chiquito e a vida nas missões religiosas. Logo, nesse documento, o missionário José Francisco de Arce afirma que os Payaguá desejavam acompanhar os missionários até a Chiquitania e que incentivariam os outros grupos que viviam nas margens do rio Paraguai a fazer o mesmo (ARCE, 1713, p. 12-13).

Com o principal objetivo de encontrar uma comunicação entre as reduções Guarani e as missões de Chiquitos, várias expedições foram realizadas no rio Paraguai, e a maioria delas fracassaram, devido aos constantes ataques dos grupos que habitavam as margens desse rio. Em 1703, os padres Bartolomé Ximenez, Juan Bautista Zea, Joseph de Arce, Juan Bautista Neuman e Francisco Hervás realizaram uma expedição, mas o missionário Neuman foi morto pelos Payaguá que habitavam próximo da cidade de Assunção. Posteriormente, outra excursão é feita pelos padres Arce e Blende, em 1715, e também esses missionários são mortos por esses indígenas. Esse episódio foi uma das principais causas para o encerramento do trânsito entre os missionários das missões da Província do Paraguai.

Logo, a partir de 1703, a aproximação entre esses distintos grupos indígenas (Payaguá, Mbayá-Guaicurú, Guarani e Chiquito) culminou em uma série de conflitos, que perdurou até a expulsão dos jesuítas, em 1767. A redução de Nuestra Señora de Belén, instalada pelo padre Sánchez Labrador entre os Mbayá-Guaicurú, em 1760, nas margens do rio Ipané, possibilitou a aproximação desses indígenas, assim como dos Payaguá, com os Chiquito que estavam estabelecidos nas missões de Santo Corazón de Jesús (fundada também em 1760) e San Rafael (instalada em 1696) na Chiquitania. Labrador relata que, durante uma expedição entre a missão de Nuestra Señora de Belén até Santo Corazón de Jesús, em aproximadamente 1751, os Mbayá-Guaicurú entraram em conflito com os Chiquito. Esse episódio fez com que cerca de 250 Guaicurú se tornassem prisioneiros de guerra dos Chiquito (LABRADOR, 1910 [1770], p. 6-8).

Considerações finais

Desde antes da chegada dos colonizadores espanhóis e portugueses, os indígenas que habitavam a região das Grandes Lagoas do Pantanal possuíam recursos naturais que ocasionavam conflitos e disputas por subsistência, como o arroz nativo. Já os grupos da Chiquitania dispunham de objetos de metal, arcos e flechas e mantas de algodão que poderiam gerar um sistema de trocas comerciais com os indígenas do Pantanal. Assim, esse possível comércio desenvolvido pelos indígenas explicaria, em parte, os objetos de metal que os conquistadores encontravam entre os Xaraye, os Orejone, os Chané e os Payzuno, os quais fomentavam a busca pelas riquezas minerais e pela aliança com os grupos conhecedores desses metais e dos caminhos para alcançá-los.

Desta forma, no período colonial, a linha de fronteira atual entre o Brasil e a Bolívia não existia para os distintos grupos indígenas que habitavam esse espaço, porque essas regiões podem ser caracterizadas como lugares ecótonos, ou seja, que apresentam o encontro de dois biomas diferentes, Cerrado e Pantanal, proporcionando aos indígenas uma área com grande diversidade de recursos naturais. Por conseguinte, distintos grupos deveriam viver em constantes disputas e acordos pelos recursos, pela caça de animais, pela coleta ou pela pesca.

A partir dos relatos produzidos pelos missionários das reduções religiosas, é possível considerar a hipótese de que os conflitos entre os Mbayá-Guaicurú e os Payaguá com os Chiquito se deram por domínio de território, pela subsistência ou ainda pela supremacia de um grupo indígena perante o outro.

A expansão colonial provocou intenso contato interétnico entre indígenas e europeus. Ambos se utilizaram de práticas de (re)elaboração de esquemas conceituais para superar o desafio imediato da irrupção desses novos personagens. Assim, os diferentes personagens (indígenas e europeus) passaram de uma fase de descoberta, no momento de contato entre culturas diferentes, para a fase de apropriação e de trocas culturais e, finalmente, de uma convivência condicionada pelo novo contexto cultural, econômico, religioso e de diferentes territórios étnicos propiciados pela instalação das *encomiendas* espanholas no século XVI e, posteriormente, das missões jesuíticas, nos séculos XVII e XVIII.

Referências

ANÔNIMO. Diario de un viaje emprendido en 1703 para descubrir una comunicación entre las Misiones del Paraguay y las de los Chiquitos. 1704, fevereiro, 4, p. 1-16. DOCUMENTO I-29-5-91. (IAP/UNISINOS).

ARCE, José Francisco de. Breve relación del viaje, que hicieron por el Rio Paraguay arriba 6 Padres y un hermano el año de 1703 por orden de nuestro Padre General. 1713, abril, 5, p. 1-17. DOCUMENTO I-29-5-95. (IAP/UNISINOS).

ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. **Condicionantes étnicos na criação das Missões de Chiquitos: alianças e conflitos na Chiquitania e no Pantanal (1609-1691)**. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre/RS, 2011.

ARRUDA, Ariane Aparecida Carvalho de. **Cristãos e Infiéis nos espaços de fronteira, Chiquitania/Bolívia e Pantanal/Brasil: conflitos, reciprocidade, mestiçagem e mobilidade social (1770 – 1800)**. 213 f. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre/RS, 2015.

AZARA, Felix de. **Descripcion e Historia del Paraguay y del Río de la Plata**. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943 [1847]. 383 p.

BARTH, F. **Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference**. United States of America: Waveland Press, Inc, 1998. 153 p.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001 [1944]. 159 p.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. Comentarios. In: _____. **Naufragios y Comentarios**. Madrid-Espanha: Historia 16, 1984 [1555].

CHARTIER, Roger. Percurso. In: _____. **À beira da falésia: a História entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre/RS: Ed. UFRGS, 2002. p. 07-116

CHARUPÁ, Roberto Tomichá. **La primera evangelización en las reducciones de Chiquitos, Bolivia (1691-1767)**. Cochabamba/Bolívia: Talleres Gráficos KIPUS, 2002. 740 p.

CHÁVEZ, Nuflo de; SALAZAR, Hernando de. DOCUMENTO 10: Memoria y resolución de los casos y cosas sucedidas en la tierra de la gobernación de Juan de Ayolas que sea en gloria, [Lima, a principios de 1560]. In: JULIEN, Catherine. **Desde el Oriente**. Documentos para la historia del Oriente Boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597). Santa Cruz de la Sierra: Gobierno Municipal Autónomo, 2008. p. 50-56

COMBÈS, Isabelle. **Etno-historias del Isoso: Chané y chiriguano en el Chaco boliviano (siglos XVI a XX)**. La Paz: Fundación PIEB; IFEA Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005. 396 p.

COSTA, José Eduardo Fernandes Moreira da. **A Coroa do Mundo: religião, território e territorialidade Chiquitano**. Cuiabá/MT: UFMT, 2006. 223 p.

FAUSTO, Carlos. Se Deus fosse Jaguar: canibalismo e cristianismo entre os Guarani (séculos XVI – XX). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 385-418, 2005.

FERNÁNDEZ, P. J. Patricio. **Relación Historial de las misiones de indios Chiquitos que en el Paraguay tienen los Padres de la Compañía de Jesús**. Asunción/Paraguay: Librería y Casa Editora de A. de Uribe y Compañía, 1896 [1726], vol. I. 282 p.

FREYER, Bärbel. Los Chiquitanos, descripción de su cultura. In: _____. **Los Chiquitanos: descripción de un pueblo de las tierras bajas orientales de Bolivia según fuentes jesuitas del siglo XVIII**. Santa Cruz: APCOB, 2000. p. 26-65.

GONZALEZ, Martin. Carta de Martin Gonzalez, clérigo, al Emperador Don Carlos, dando noticias de las expediciones hechas y de los atropellos cometidos después de la prision del gobernador Alvar Nuñez Cabeza de Vaca. – Asuncion, 25 de junio de 1556. In: IRALA, Domingo Martinez de. Río de La Plata. Gobernacion de Domingo Martinez de Irala. **Cartas de Indias**, Tomo II. Madrid: Ediciones Atlas, 1974 [1555]. p. 606-614

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). As sociedades indígenas no Brasil através de uma exposição integrada. In: _____. **Índios no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. p. 13-28

GUZMAN, Ruy Diaz de. **Annales del descubrimiento, población y conquista del Rio de La Plata**. Asunción: Ricardo Rolón, 1980 [1612]. 308 p.

- HERBERTS, Ana Lúcia. **Os Mbayá-Guaicurú: área, assentamento, subsistência e cultura material**. 1998. 262 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1998.
- JULIEN, Catherine. La descripción de la población del oriente boliviano en el siglo XVI. IN: COMBÈS, Catherine (Org.). **Definiciones étnicas, organización social y estrategias políticas en el Chaco y la Chiquitania**. Colección Actes & Mémoires de IFEA, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, tomo 11, p. 49-67, 2006.
- KREKELER, Birgit. Las distintas fases de la conquista. In: _____. **Historia de los Chiquitanos**. La Paz: Hisbol, 1993. p. 33-56.
- LABRADOR, P. José Sánchez. **El Paraguay Católico**. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1910 [1770], Tomo I. 317 p.
- MACHAIN, R. de Lafuente. **Los conquistadores del Río de la Plata**. Colección de Biografías Argentinas. 2 ed. Buenos Aires: Editorial Ayacucho, 1943 [1936]. 705 p.
- MAGALHÃES, Magna Lima. **Payaguá: senhores do Rio Paraguai**. 1999. 181 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1999.
- MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores: estudos de história indígena e do indigenismo**. 233 f. Tese de Livre Docência (Departamento de Antropologia/IFCH/Unicamp). Campinas/SP, agosto, 2001.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Identidade e estrutura social. **Anuário Antropológico 78**, Rio de Janeiro, RJ, n. 78, p. 243-263, 1980.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. 118 p.
- PEIXOTO, José Luís dos Santos. **A ocupação dos povos indígenas pré-coloniais nos grandes lagos do Pantanal Sul-mato-grossense**. 2003. 262 f. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2003.
- PEIXOTO, José Luís dos Santos. Populações Indígena de Tradição Tupiguarani no Pantanal Sul-mato-grossense. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 8, p. 71-86.
- PEIXOTO, José Luís dos Santos. Relação entre os Aterros e níveis hidrológicos do rio Paraguai, Pantanal (MS). In: XIII CONGRESSO DA SAB, 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: SAB 2005. CD-ROM.
- RIBERA, Francisco de. Relación de Hernando de Ribera. In: GAIBROIS, Manuel Ballesteros (Org.). **Viajes y Viajeros. Viajes por America del Sur II**. Madrid/España: Aguilar S. A. de Ediciones, 1962 [1555]. p. 305-311
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Tradução de Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990. 218 p.
- SAIGNES, Thierry. **Historia del pueblo chiriguano**. La Paz/Bolívia: Plural Editores, 2007. 332 p.
- SALAZAR, Hernando de. DOCUMENTO 15. Documentos referentes a la fundación de Santa Cruz de la Sierra. Lima, 9 octubre 1561. In: JULIEN, Catherine. **Desde el Oriente**. Documentos para la historia del Oriente Boliviano y Santa Cruz la Vieja (1542-1597). Santa Cruz: Gobierno Municipal Autónomo, 2008. p. 94-118
- SCHMÍDEL, Ulrich. **Viaje ao Río de la Plata (1534-1554)**. Buenos Aires: Cabaut y Cía., Editores, 1903 [1567].
- SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. **Aterros indígenas no Pantanal do Mato Grosso do Sul**. Pesquisas, São Leopoldo, RS, n. 54, 271 p., 1998.
- SCHUCH, M. E. J. **Xaray e Chané: índios frente à expansão espanhola e portuguesa no Alto-Paraguai**. 1995. 87 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo – RS, 1995.

SUSNIK, Branislava. **Los aborígenes del Paraguay I: Etnología del Chaco Boreal y su periferia** (Siglos XVI y XVIII). Asunción/Paraguay: Museo Etnográfico 'Andres Barbero', 1978. 154 p.

SUSNIK, Branislava. Los Guanás – Chanés del Chaco Paraguayo. In: _____. **El índio Colonial del Paraguay. El Chaqueño III**. Asunción/Paraguay: Museo Etnográfico 'Andres Barbero', 1971. p. 140-164

VILLARROEL, José Teijeiro. **Regionalización y diversidad étnica cultural en las tierras bajas y sectores del subandino amazónico y platense de Bolivia**. La Paz/Bolivia: Plural editores, 2007. 104 p.

(Endnotes)

1 Nesse estudo, os nomes dos grupos indígenas são escritos de forma invariável quanto à flexão e o gênero, segundo as recomendações sugeridas pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em 1953. É mantida a forma variável, ou seja, nomes de grupos indígenas escritos no plural, apenas nos trechos retirados dos manuscritos coloniais. Essas normas se encontram resumidas na obra: SCHADEN, Egon. **Leitura de etnologia brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

